

“Quê é isso?” perguntou o jardineiro.

“Consiste numa alavanca de madeira”, redarguiu Tsê-Kung. “A parte traseira é pesada e a da frente muito leve. Essa alavanca tira água da fonte do mesmo modo que o fazes com tuas mãos, mas ininterruptamente. Chama-se bomba”.

Então o jardineiro fitou-o zangado e assim lhe falou: “Aprendi do meu mestre o que te vou dizer: homens que possuem instrumentos ardilosos, são também astutos nos seus negócios, e os que são astutos nos seus negócios têm astúcia no coração, e aqueles que têm astúcia no coração não podem permanecer puros e incorruptos; e aqueles que não são puros nem incorruptos não conhecem a quietude de espírito. Não é que eu não conheça estas coisas. Mas sentiria vergonha em usá-las”.

Cêdo reconheceu Karl Marx toda a força transformadora da máquina no mundo. Numa visão justa e quasi profética da evolução próxima, escrevera: O baixo preço das mercadorias fabricadas a máquina é “a artilharia de sítio com que a burguesia derruba todas as muralhas chinesas, e com que força a capitular a mais obstinada xenofobia dos bárbaros”.

Com efeito, o “ardil” da Razão de que, há três mil anos antes, o jardineiro de Tchuang-Tsê falara com tanto desprezo, rompera também, no curso do século XIX, a antiquíssima muralha graças à qual, até então, conseguira a China proteger-se contra toda corrupção estrangeira. Foram os canhões e os fuzis dos europeus que, em primeiro lugar, abriram caminho no Império do Meio. Logo que os chineses reconheceram quão superior ao seu era o armamento dos “diabos brancos”, eles próprios, espontaneamente, abriram os gigantes portões de suas muralhas, para dar acesso às máquinas capazes de produzir armas tão maravilhosas.

Em breve, milhões de homens amarelos que, desde remotas eras, viviam em grupos tradicionais, agiam e pensavam segundo antigos ritos e convenções — camponeses, funcionários e operários cuja conduta inteira, durante milhares de anos, se conformara às prescrições e às proibições do culto ancestral, das ligas familiares, das corporações de artífices e de comerciantes — transformaram-se naquelas “mãos” e naquelas massas não-diferenciadas exigidas pela máquina para o tratamento e utilização de seus produtos.

O Japão, por sua vez, que tinha precedido a China nesse caminho, não tardou em sobrepujá-la de muito. O Japão, país de constituição política e de direito familiar feudais, em cujos dicionários não existiam nem a palavra, nem a noção de “revolução”, foi o primeiro de todos os povos da Ásia oriental a sujeitar-se, com a maior espontaneidade, à grande revolução industrial. A nobre casta dos Samurais transformou-se numa “Ordem de Cavalaria da indústria”. Em To-

kio e em Osaka, três milhões de pessoas transformaram-se em massas proletárias.

Hoje em dia, sob nossos olhos, opera-se o mesmo processo, nas cidades da Índia, da Síria, do Egito e da Turquia, onde hindús respeitosos dos privilégios de casta, beduínos nômades e agricultores do deserto, se tornam, de repente, fã massa homogênea. Tanto no México como nas florestas virgens do Brasil e nos pampas da Argentina, a máquina remodela povos e raças, submetendo-os a suas leis. Sujeita-os aos moldes de organização duma razão calculadora.

Porém, ao passo que êsses países, enfeitiçados e crentes, se limitam a imitar a mecanização europeu-americana, eis que a Rússia se levanta e, fiel à sua antiga quimera, pretende ter sido escolhida para redentora da humanidade. Na terra russa, é que se cumprirá o evangelho do homem da massa. “Fomos os primeiros a rasgar as vestes da História!” proclama triunfalmente um literato bolchevista.

Realmente, naquela Rússia, que ficara século e meio atrás do desenvolvimento ocidental, foi que se realizou na sua forma suprema mais conciente e lógica, a pretensão da Razão em querer libertar, de todas as peias irracionais, o homem e sua existência inteira.

Aquí, o aparelho completo destinado a sustentar o poder num império enorme governado ditatorialmente se colocara a serviço da luta do princípio racional contra seus velhos adversários, nos corações humanos. Auxiliou-o a transformar num “collectivum” de seres iguais, com destinos iguais, cento e sessenta milhões de homens nascidos e educados na comunidade histórica duma Nação, na diversidade dos destinos, nos laços familiares e morais.

Quando, na Paris do ano de 1848, as massas operárias geradas pela máquina, foram pela primeira vez, avistadas e levantaram seu brado de igualdade e de comunidade impessoal, o poeta Lamartine, angustiado, escrevera que êsses fanáticos, querendo suprimir os laços sagrados da família, se tinham aventurado, em defesa de suas quimeras, até um ponto onde o mundo social não podia mais conservar o homem de pé. “Perderam-se no caos dos sistemas, e o povo nômade das usinas, desacostumado de sua vida natural, nêle se precipitou sem ver o abismo do nada”.

Aos Russos, pelo contrário, aquele “suicídio da raça humana” pressentido por Lamartine parecia ser a condição *sine qua non* da “ressurreição dentro da Razão”. Com todo o fanatismo de sua esperança messiânica, empenharam-se em sujeitar racionalmente todos a uma organização comum de trabalho e de produção, para, graças a isso, subordinar a vida de cento e sessenta milhões exclusivamente à Razão, ao cálculo e ao fim utilitário e fazer desaparecer as particularidades individuais, que se deviam dissolver na massa impessoal.

Para que isso, na próxima geração, suceda desde o nascimento, instituições que, aquí e ali, no Ocidente, se implantaram por motivos